



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**
Redacção e administração—Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. Telhoba—Lisboa • Telefones:
Officinas de impressão: Rua da Atalaya, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A verdadeira harmonia ibérica

Já por várias ocasiões se tentou em Portugal e Espanha uma aproximação entre as duas nações peninsulares, que terminasse com o constrangimento existente e que mais não era e é que o resultado da educação patriótica ministrada nas escolas. Todas essas tentativas faliram miseravelmente, porque foram promovidas por elementos oficiais ou individualidades em destaque entre a burguesia, de sorte que esta, eternamente envolta no reaccionarismo, invocava a cada momento pruridos nacionalistas, temendo que o acordo que porventura se firmasse resultasse determinadas vantagens para a indústria e para o comércio de um dos dois países que se procurava aproximar. Disso resultou que essa aproximação nunca saiu das regiões da utopia, também porque se buscava uma aliança de governos, um entendimento dos exploradores da Ibéria, e não uma franca e sincera harmonia entre dois povos de longos séculos desavindos devido às ideias falsas que as classes paritárias convém sustentar para segurança do seu predomínio económico.

A harmonia ibérica nunca foi, pois, coisa que se visse. Sustentaram-se campanhas jornalísticas, vários diplomatas juntaram o seu assentimento à ideia, houve mesmo burgueses que deram aparências de vitalidade à questão, esperando colher lucros de tam decantada harmonia ibérica, de que foi defensor máximo Feliz Lorenzo, hoje um dos detractores do movimento operário português e mesmo do próprio país, em terras hispanicas, mas tudo redundou no mais absoluto fracasso, continuando Portugal e Espanha numa situação, que mais pareciam dois países colocados em continentes distintos, do que estreitamente unidos numa península europeia.

Nós, que tanto desejamos o desaparecimento de injustificáveis ódios de raça, que pregamos a confraternização dos povos, a terminação das guerras, que condenamos o militarismo e desejamos que as fábricas de munições e engenhos de morte produzissem outros objectos de reconhecida utilidade, queríamos que de vez desaparecesse essa muralha de gelo que separa os dois países ibéricos, muralha essa tam espessa e tam resistente aos vivificantes raios do sol do Progresso, que até os organismos sindicais portugueses e espanhóis quasi que se desconhecem, não procurando uma acção comum, não buscando uma união perdurável e útil, quando os homens, que nesses agrupamentos de trabalhadores militam, por completo repudiam os preconceitos que constituem o mais sólido alicerce da sociedade burguesa e capitalista.

Assim, grande foi o nosso júbilo ao ouvirmos as impressões que o nosso camarada e amigo Manuel Joaquim de Sousa traz do Congresso Operário espanhol, que há pouco se reuniu em Madrid, o onde foi na qualidade de enviado especial da Confederação Geral do Trabalho de Portugal. No excelente acolhimento que lhe fizeram os camaradas espanhóis transpareceu claramente o desejo de uma mais intensa colaboração, a vontade firme de se fazer a verdadeira harmonia ibérica, resultante duma estreita e sincera aproximação do proletariado luso-espanhol.

Nesse congresso, Manuel Joaquim de Sousa usou da palavra, fazendo ver que nesta estreita faixa do terreno não se pensa apenas em revoluções políticas e em audaciosos escalamentos do poder, que existe uma imensa multidão de sofredores que compreende a revolta dominante em todo o mundo e que procura, arrojando com a fúria dos que governam e com a fúria dos que gosam, implantar em terras lusas o reinado da verdadeira Liberdade e Igualdade. E o discurso do delegado português terminou com uma saudação ao proletariado espanhol de tam forma vibrante e comovida, saudação recebida duma forma não menos vibrante e comovida, que o jornal que em Madrid mais tem

defendido os audaciosos revolucionários operários da Catalunha, afirmou representar o discurso do delegado português no congresso dos espoliados de toda a Espanha, a verdadeira harmonia ibérica, o entendimento do trabalho e não o entendimento do governo, do clero e da burguesia, sinistra trindade que canalosos rios de sangue e de lágrimas tem derramado na terra.

O referido jornal interpretou bem o significado do discurso do delegado português. A C. G. T. não enviou ali um seu delegado simplesmente com o fim de ir ali levar uma banal saudação. Essa saudação encerra uma profunda lição e dela muito resultará. Ela representou a assinatura duma aliança do proletariado ibérico, aliança cujos resultados serão proficuos neste momento em que a burguesia, aterrorizada com a colossal fogueira que, apesar de longanquias, lhe torna irrespirável a atmosfera que a si própria criou, se lança, numa embriaguez de destruição, possuída duma verdadeira loucura, sobre as organizações dos proletários que, apesar do materialmente frágeis, representam potências de primeira grandeza no campo das ideias e do sentimento dos explorados.

Por nossa parte estamos convencidos de que em Madrid se acaba de realizar a autêntica harmonia ibérica. E neste momento enviamos uma saudação entusiástica aos nossos camaradas espanhóis, fazendo votos para que, do futuro, caminhemos par a par nesta senda de revolta e de redenção, que tantas dores e tantas alegrias trazem aqueles que na luta social entraram de corpo levantado e batendo-se denodadamente pelos interesses dessa colossal multidão trabalhadora e resignada, que é preciso despertar na tribuna, no jornal, no sindicato.

OS DEPORTADOS

Uma monstruosidade

Nos países onde os governantes são esportos como na Inglaterra, por exemplo, estes sabem ir ao encontro das aspirações do proletariado, evitando assim conflitos e, muitas vezes, sofrimentos.

Este processo, bem sabemos, faz manter por mais tempo os que trabalham duma escravidão mascarada, porém, vive-se com um pouco de mais liberdade dentro dessa escravidão.

Mas em Portugal os governantes, mais faltos de tática ou mais violentos, não procedem assim. Usam os velhos processos da repressão odiosa, julgando talvez que desta forma conseguem esmagar a revolta que se levanta contra a situação iníqua em que todos os trabalhadores se encontram. E assim, em vez dessa revolta abrandar, como pretendem, mais ateam o fogo colossal que numa época muito próxima os consumirá.

Que usem desses repugnantes processos quando não os ataquem, como sucede actualmente com os deportados para Cabo Verde, é tudo quanto há de mais abjecto e mais condenável, e nós, operários, que os governantes desejam manter em atitudes ordeiras, estendendo resignadamente o pescoço para o fardo dos impostos, não podemos ficar mudos, sossegados ante esse acto.

Os deportados, segundo nos informam, estão detidos em Cabo Verde; estão numa terra onde não há pão, não há indústria, onde há unicamente fome. Esta situação não pode manter-se!

Os deportados foram enviados para Cabo Verde, sem processo, sem comédia de julgamento, sem sequer lhes darem tempo para se despedirem de suas famílias. É uma acção iníqua do governo!

Os deportados tem as companheiras e os filhos ao abandono. O governo não se importa com isso, como se numa sociedade civilizada fosse a coisa mais natural morrer-se de fome!

Contra todas estas infâmias nos revoltamos. Que o governo medite bem no caso; que o governo dê ordem para que aqueles operários regressem à metrópole, antes que o proletariado consciente, que se tem limitado a protestar dentro das suas associações, não venha à rua, sob as janelas dos ministérios, onde se tecem os maiores crimes, gritar com um pouco de mais energia: Basta de infâmias!

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Boas festas, boas festas! Nunca me supuz alvo de tantas atenções nem objecto de tamanha solicitude. Boas festas, boas festas! São as centenas os que mas desejam, e não só a mim mas também à minha excelentíssima família. Muito penhorado... Começaram os obstáculos ontem de manhã quando fui buscar o jornal que o distribuidor usa deitar-me em cada dia por debaixo da porta. Junto com a gazeta lá estava um cartão de visita: Fulano de Tal, distribuidor, etc., deseja o que se sabe. Agradei e retribuí a gentileza pela forma que me pareceu mais do agrado do amável distribuidor, o que me trouxe uma, embora breve, irradiação de cédulas do bolso. Na escada encontrei o filho da minha vizinha do lado, um petizito dos seus oito anos.—«Boas festas, vizinho!» Este não se lembrou da minha excelentíssima família, mas não lhe chega ainda a idade para disfarçar o intuito interesseiro da sua saudação, pois logo me bateu as algibeiras do colete para confirmar as suas esperanças duma dádiva.—«Tem-me estima a criança?»—verifiquei eu, e tanto me cativou esta verificação que não pude furtar-me a um novo desembolso. Pelo dia adiante não posso contar quantas amáveis criaturas se me dirigiram, verbalmente ou por escrito, desejando-se festas felizes, festas alegres, extensões à inevitável excelentíssima, e tudo isto apesar de ser universalmente conhecida a ética magra do meu bolso.

É certo também que nunca pela ideia me passou meter-me em festas hoje, por mais que a Igreja e a República o tenham decretado. Não quero; porém, compenetrar-se desta tenção os meus contemporâneos, e é ver a sanha furiosa com que tantos deles pretendem coagir-me a ter festas, a tê-las boas em companhia. As excelentíssimas, e a pagá-las os seus bons desejos de me ver feliz. Tendo começado com o dia, esta tortura durou até à noite, na loja do barbeiro, pois já este tratara de pintar nos espelhos, em tremedais letras feitas a cosmético, as «Boas festas» fatais. Ao lado, a bandeja com umas cédulas no fundo, não fossem os clientes enganar-se sobre a aplicação dela. Achei demasiado. Ter de suportar a navalha arrepetante, uma conversa insípida, e a vista permanente do dístico obscenamente decididamente, demais para um homem só. Esta a razão porque preferi deixar crescer um pouco mais, nos queixos fêrteis, as bravas barbas que neles espontaneamente me nasceram.

Há ain a a considerar o que se tem observado durante o movimento feito pelos camponeses de diferentes regiões e em particular os de Andaluzia, na demanda de melhoras de índole económica e moral, e que consiste em os proprietários e o Estado terem querido sufocar o movimento de rebelião, fazendo concessões parcelares aos trabalhadores para os dividir.

A comissão não cre de grande eficácia que o indivíduo aceite trabalhar a terra pelo sistema pederário, por considero que desperta no indivíduo o instinto profundamente egoísta, matando as suas rebeliões e destruindo a solidariedade e bom acordo que devem existir entre os esperados para combater o regime capitalista. Esta comissão aceita, transitivamente, que em vez de ser o indivíduo que se compromete a dividir a terra, o faça, antes, o sindicato de rurais. Que fique bem entendido que neste sistema de trabalho há de procurar-se que estejam retribuídos os que trabalham desta forma em conformidade com as exigências da vida na máxima amplitude e, se ficar margem para lucros, sejam estes destinados para fins sociais e de acordo com a ideologia moderna.

Os operários e o armamento

O congresso ocupou-se ainda, na sétima sessão, destes temas: «Até que transformemos a sociedade actual em regime comunista, convém continuar fabricando material de guerra? No caso afirmativo, os trabalhadores deverão limitar a quantidade dos armamentos?»

O voto do congresso foi o seguinte: «Estudada com a atenção que merece esta questão, o congresso acorda em que os trabalhadores das fábricas de armas de guerra do Estado devem ser objecto duma consideração especial por parte da organização operária, tendo em conta a missão elevadíssima que estão chamados a desempenhar quando o proletariado de tal tenha necessidade; sendo, além disso, conveniente apresentar este assunto no primeiro congresso internacional que se realize.»

“O Despertar”

Um jornal da União das Juventudes Socialistas

Em princípios do próximo mês de Janeiro, iniciará a sua publicação em Lisboa, um novo jornal socialista, que se publicará quinzenalmente. Intitula-se o novo paladino da classe trabalhadora O Despertar e será órgão da União das Juventudes Socialistas. Desnecessário é encarecer o importante papel que O Despertar é chamado a desempenhar, porque bem precisa a organização operária e revolucionária dum jornal que lhe seja dedicado e em que encontre, aqueles ensinamentos tam necessários ao operário consciente que deseja contribuir com a parcela do seu esforço para o levantamento e emancipação da classe trabalhadora.

A saída dum periódico feito por jovens socialistas e à mocidade operária destinado, constitui, também, uma magnífica resposta às violências governamentais de que os seus organismos tem sido ultimamente vítimas, pois nele provarão que em mais alguma coisa pensam do que em constantes agitações, como a burguesia e os seus órgãos pretendem fazer acreditar à opinião pública.

Uma comissão da União das Juventudes Socialistas foi encarregada de angariar os fundos necessários para a saída de O Despertar, tendo mandado imprimir 300 obrigações de \$50, que poderão ser subscritas todas as noites na sua sede, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Visitas ao Limoeiro

As visitas hoje aos presos do Limoeiro, é franca nos grupos, sendo das 12 às 14 horas.

Vêr na 2.ª página:

NOTAS & COMENTÁRIOS

O II CONGRESSO DA C. G. T. DE ESPANHA

O Congresso, nas suas últimas sessões, ataca problemas importantes—Fala o representante da C. G. T. de Portugal—Encerramento de trabalhos

(Do enviado especial da C. G. T. de Portugal)

MADRID, 17.—Aí vai, como prometemos, o parecer relativo às terras. «Tema: Que meios devemos de empregar para se obter, urgentemente, a abolição da propriedade privada das terras, fazendo que estas passem às mãos dos que trabalham?»

Esta comissão declara o seguinte: Considerando que na socialização da terra está a solução do problema económico, e considerando que não é possível a emancipação duma facção do proletariado, ou seja os camponeses, sem que a estes se lhes juntem os que trabalham nos restantes ramos da produção, é opinião desta comissão que a Confederação Nacional do Trabalho deve atender preferentemente ao movimento emancipador dos camponeses, educando-os socialmente e aperfeiçoando a sua organização, constituindo-a de forma que a técnica daquele trabalho seja um facto, a fim de preparar aquela classe para gerir a produção.

Para isso não se deve deixar passar em claro nem o mais insignificante movimento dos camponeses tendente ao melhoramento das suas condições económicas e sociais.

Feitas estas considerações, entende a comissão que, como medida transitória, toda a vez que os camponeses, pela índole das funções que realizam, não tem trabalho senão nas épocas das colheitas e sementeiras, estando de folga durante cinco ou seis meses, na sua quasi totalidade; para evitar que invadam as cidades, originando assim um excedente de braços que dá margem à incompetência dos salários—é urgente necessidade conseguir-se para eles a compensação no salário ou uma participação nos benefícios, ou ainda que se lhes dê ocupação em todo o ano.

Determinar-se há que os indivíduos sejam ocupados segundo as searas, hécatares ou fanegas cultiváveis, deixando esta demarcação a cargo dos sindicatos de rurais.

Há ain a a considerar o que se tem observado durante o movimento feito pelos camponeses de diferentes regiões e em particular os de Andaluzia, na demanda de melhoras de índole económica e moral, e que consiste em os proprietários e o Estado terem querido sufocar o movimento de rebelião, fazendo concessões parcelares aos trabalhadores para os dividir.

A comissão não cre de grande eficácia que o indivíduo aceite trabalhar a terra pelo sistema pederário, por considero que desperta no indivíduo o instinto profundamente egoísta, matando as suas rebeliões e destruindo a solidariedade e bom acordo que devem existir entre os esperados para combater o regime capitalista. Esta comissão aceita, transitivamente, que em vez de ser o indivíduo que se compromete a dividir a terra, o faça, antes, o sindicato de rurais. Que fique bem entendido que neste sistema de trabalho há de procurar-se que estejam retribuídos os que trabalham desta forma em conformidade com as exigências da vida na máxima amplitude e, se ficar margem para lucros, sejam estes destinados para fins sociais e de acordo com a ideologia moderna.

Os operários e o armamento

O congresso ocupou-se ainda, na sétima sessão, destes temas: «Até que transformemos a sociedade actual em regime comunista, convém continuar fabricando material de guerra? No caso afirmativo, os trabalhadores deverão limitar a quantidade dos armamentos?»

O voto do congresso foi o seguinte: «Estudada com a atenção que merece esta questão, o congresso acorda em que os trabalhadores das fábricas de armas de guerra do Estado devem ser objecto duma consideração especial por parte da organização operária, tendo em conta a missão elevadíssima que estão chamados a desempenhar quando o proletariado de tal tenha necessidade; sendo, além disso, conveniente apresentar este assunto no primeiro congresso internacional que se realize.»

Um jornal da União das Juventudes Socialistas

Em princípios do próximo mês de Janeiro, iniciará a sua publicação em Lisboa, um novo jornal socialista, que se publicará quinzenalmente. Intitula-se o novo paladino da classe trabalhadora O Despertar e será órgão da União das Juventudes Socialistas. Desnecessário é encarecer o importante papel que O Despertar é chamado a desempenhar, porque bem precisa a organização operária e revolucionária dum jornal que lhe seja dedicado e em que encontre, aqueles ensinamentos tam necessários ao operário consciente que deseja contribuir com a parcela do seu esforço para o levantamento e emancipação da classe trabalhadora.

A saída dum periódico feito por jovens socialistas e à mocidade operária destinado, constitui, também, uma magnífica resposta às violências governamentais de que os seus organismos tem sido ultimamente vítimas, pois nele provarão que em mais alguma coisa pensam do que em constantes agitações, como a burguesia e os seus órgãos pretendem fazer acreditar à opinião pública.

Uma comissão da União das Juventudes Socialistas foi encarregada de angariar os fundos necessários para a saída de O Despertar, tendo mandado imprimir 300 obrigações de \$50, que poderão ser subscritas todas as noites na sua sede, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Visitas ao Limoeiro

As visitas hoje aos presos do Limoeiro, é franca nos grupos, sendo das 12 às 14 horas.

Vêr na 2.ª página:

NOTAS & COMENTÁRIOS

co máximo para pôr em prática esta necessidade, não possam chegar à sua realização.

d) Para pôr em execução o exposto deve-se há estabelecer uma cota obrigatória, que poderá ser de dez céntimos (cambio ao par 2 céntimos) por mês ou de uma peseta anual, que serão administrados pelo citado Comité Nacional pró-instrução.

O Congresso, depois de acordar que para se executar o já exposto, se encarregue a Liga dos Professores racionalistas, decide mais: «Que os Sindicatos que tenham forças e meios para o fazer, institua imediatamente essas escolas que tanto o Comité pró-instrução como os sindicatos, ao abrir essas escolas; tenham em conta as normas naturais e lógicas do ensino, devendo limitar o número de alunos; que as escolas reúnem todas as condições de higiene, ventilação e alegria necessárias e que os professores estejam retribuídos de forma que não tenham que recorrer a outras ocupações para poder viver com decôr.

Para desenvolver a cultura os Sindicatos terão escolas para adultos, com carácter preparatório, a fim de que os indivíduos adquiram os conhecimentos necessários para desempenhar os cargos administrativos e delegações, para desenvolver com acerto a propaganda, forma de sustentar as discussões com boa norma e pó-las ao corrente de toda a legislação social e internacional, etc.»

Os inválidos

Este problema mereceu grande carinho ao Congresso. O parecer respectivo, depois de constatar que a falta de trabalho e invalidez são resultados fatais do actual regime capitalista e só terminarão com a transformação do mesmo, manifesta-se no sentido de que a organização operária pode minorar as más condições em que aquelas vítimas da burguesia se encontram, exercendo pressão junto dos poderes públicos para que estas sustentem os que estão absolutamente impossibilitados de trabalhar; que aqueles que possam ainda dedicar-se a qualquer trabalho, sejam ocupados em oficinas colectivas, criadas, por o efeito, pela organização operária e administradas pelos sindicatos de inválidos, com colaboração de representantes das Federações locais, etc.

Para os inválidos resultantes de acidentes de trabalho, a organização recomendará: 1.º jornal integral no acidente temporário; 2.º Em caso de inutilidade, o duplo do que a lei determina; 3.º Se os acidentes forem ocasionados pelas más condições do trabalho, exigir-se há uma indemnização em metálico ao patrão.

A questão russa e a 3.ª Internacional

A revolução russa, neste como em todos os congressos proletários, foi motivo de grande entusiasmo.

A volta da revolução, e depois de se terem lido dois documentos que à mesma se referiam, mas que não foram aprovados, pronunciaram-se veementes discursos de condenação ao procedimento dos governos da burguesia no bloqueio que exercem sobre a Rússia revolucionária, sendo manifestada entusiástica simpatia e solidariedade para com aquele povo, que abriu o caminho para a conquista da libertação humana.

A adesão à terceira Internacional é também objecto de acalorada discussão, chegando-se por fim a esta conclusão: «O Comité Nacional como resumo das ideias expostas, etc., propõe o seguinte:

Primeiro: Que a Confederação Nacional do Trabalho se declare firme defensora dos princípios da primeira Internacional, sustentados por Bakunine. Segundo: Declara que ader, provisoriamente, à terceira Internacional pelo carácter revolucionário que a norteia, enquanto não se organiza e leva a efeito o Congresso Internacional em Espanha, que há de assinar nas bases por que há de reger-se a verdadeira Internacional dos Trabalhadores.»

Este documento foi aprovado, conjuntamente a seguinte moção: «Os delegados que assinam, tendo em conta que a tendência que se manifesta com mais força no seio das organizações operárias de todos os países é a que conduz à compêta, total, absoluta libertação da humanidade sob o triplo ponto de vista moral, económico e político; e considerando que esse objectivo não poderá ser al ançado enquanto não sejam socializados a terra e os instrumentos de produção e de troca, e não desapareça o poder absoluto do Estado, propõem ao Congresso que, de acordo com a essência dos postulados da Internacional dos Trabalhadores, declare que a finalidade que persegue um a Confederação Nacional de Espanha é o comunismo libertário.

Fala o enviado português

D pois de aprovados aqueles documentos, é concedida a palavra ao autor destas linhas, como representante da C. G. T. portuguesa.

E como o Congresso se havia pronunciado duma forma diferente daquela que se pronunciou já o proletariado português, em três pontos de capital importância: a unidade operária, a questão orgânica e as relações internacionais, entendemos nosso dever de rdar considerações sobre aqueles questões, porque, havendo comunidade de ideias

NOTAS & IMPRESSÕES

Um conto de Natal

Bébé acordara tarde, contra o seu costume, e dos cortinados transparentes e finos do seu leito mignon, estendeu os braços rosados e gordos, dum torneio impecável, que faziam lembrar duas coluninhas maravilhosamente lançadas por um artista magnífico, num pedaço de mármore. Abriu os grandes olhos castanhos-escuros, cheios de alegria e inocência, piscou-os muitas vezes, porque o sol entrava a jorros pelo quarto dentro, bocejou e, de seguida, desandou a berrar pela Maria, porque se queria levantar. Bébé era uma criança encantadora. Tinha apenas seis anos, mas a sua inteligência multíssimo desenvolvida, e uma graça, natural aliás, em todos os bambinos desta idade, faziam dele um pequerrucho gatê, a quem apetece satisfazer todos os caprichos e todas as fantasias. Levantara-se tarde; era já meio dia, e as olheiras fundas sobressaindo no rosto amarelado revelavam a fadiga duma noite trabalhosa.

Com efeito, Bébé divertira-se imenso na véspera. A' hora a que a tradição comemora o nascimento do menino Deus, Bébé estava ainda a pé, acompanhando galhardamente nas folgas gastronómicas os seus progenitores e os convidados inevitáveis. Fora para a cama meio tonto com sono e completamente tonto com vinho do Pórt, não sem que tivesse colocado previamente na chaminé o seu sapato de polimento. Parece que Bébé duvidava um pouco das virtudes do bom velhinho das barbas brancas que costuma vir de tam longe trazer brinquedos a meninos que não conhece; mas pelo sim pelo não sempre lá punha o sapato porque, era ele que o dizia, «se o velho não vier, a mamã não se esquece do Bébé». E era verdade. Naquella manhã de Natal, Bébé tinha junto do sapato um uniforme completo de oficial do exército, com boné, espada, esporas, dragonas, um uniforme verdadeiro, boné, flamante, que devia torná-lo um Napoleãozinho muito engraçado. Bébé, ao vê-lo, bateu palmas de contente, e tinha já afivelado o cinturão e posto na cabeça o minúsculo kepi agalado a ouro, quando bateram à porta, uma pancada discreta e humilde como a cantiga dum cego.

Era um gaio, pálido e esquelético, descalço e de fato esburcado como um penão de revolta jurado pelas balas, que pedia uma esmolinha pelo amor de Deus. O primeiro impulso de Bébé, agarrado à saia da soneira, foi fugir da hedionda aparição, cujo cabelo desgrenhado e sujo nada se parecia com o seu, muito bem cortado e ainda melhor penteado. O seu recato, porém, durou pouco; a inocência é atrevida. E enquanto a criada preparava do esfomeado mioche um caldinho quente e uma bucha, Bébé travava conhecimento, no padamar, com o insólito visitante:

—Como te chamas?

—Não sei.

—Pois eu sou o Bébé. Admira-me que não saibas o teu nome. Cá em casa todos sabem o meu.

—Eu não tenho casa—volveu o outro.

—Como! não tens casa? Então onde dormes?

—Na rua, quási sempre.

—Mas na rua não há chaminés—R postava Bébé.

—Pois não.

—Então onde pões tu o teu sapato?

—Eu não tenho sapatos.

—E' verdade; estás descalço. A tua mãe consente que andes descalço e que durmas na rua?

—Eu não tenho mãe.

—Ah!—fez Bébé, admirado.—Eu imaginava que toda a gente tinha mãe. Eu tenho uma, que gosta muito de mim, que me beija e me compra brinquedos, e que nesta ocasião deve estar com o papá em qualquer pastelaria a escolher bolos para mim.

—O menino é que deve ter boas-festas—disse o gaio entristecido, contemplando embasbacado, como um zulu defronte da Venus de Praxiteles, as madeixas aneladas do seu interlocutor.

—Eu tu? Também deves ser feliz. Eu bem te ouvi assobiar, quando subias a escada. O meu papá só assobia se ganha muito dinheiro lá na loja...

—Feliz? Talvez. Eu não sei muito bem o que isso é, mas se, dormir de noite, ao relento, pelas vazeias e pelas escadas, escorradão dos polícias, é felicidade, eu tenho-a. Se, passar dias inteiros sem comer, buscando nos caixotes o alimento que os cães não querem é ser feliz, eu sou-o. Se não ter uma mãe que agasalhe e acarinhue a gente, que nos beije como a sua mamã lhe faz a si, é viver contente e venturoso, eu posso-me gabar disso...

—Eh! fedelho, cala aí a boca, interrompeu a criada, aparecendo com uma tigela de caldo e meio pão. Enche a barriga e não sujes a escada. Ando, ferra com isso no bandidho.

E, dizendo, fechou a porta no focinho do miúdo que, sisinho, é dando graças a Deus, lá foi tásquinhando, sentado nos degraus, o seu quinhão excepcional daquele dia, memorável para muitas pessoas—e até para ele que também leve canja...

Antero de LIMA

entre o proletariado dos dois países, poderia parecer que aquele espírito não era perito, por haver disparidade de critério e de procedimentos quanto a aquelas questões. Era, pois, necessário dizer alguma coisa sobre a razão de ser dos nossos actos, para que a confiança subsista entre os dois países proletários e caminhemos todos com vista no mesmo objectivo emancipador.

Havíamos nós, pois, principiado a falar e quando mal tínhamos dirigido as saudações da organização portuguesa à de Espanha, eis que o representante da autoridade intervem, declarando que estando nós a falar em língua que não era nacional, nós não compreendia e que por isso não podiam continuar.

Mas todo o Congresso se levanta a protestar e Buenacasa, do Comité Confederal, declara que traduzirá o que disseramos. A autoridade embutida, principalmente depois que inúmeros delegados declaram compreender perfeitamente o português. Emudeceu e nós passemos-lhe livremente.

Dispunhamos de pouco tempo, mas assim mesmo ainda pudemos relatar, rapidamente, o que tem sido o movimento operário no nosso país: os seus Congressos de 1909 e de 1911, o que se lhe seguiu até à realização do Congresso de Tomar, em 1914, onde se acabaram as lutas entre os militantes das duas escolas—socialista e anarquista—no seio da organização e onde se estabeleceram as bases da unidade operária, que se verificou num presencendo animador nas conferências regionais de 1917, e tem prosseguido, por forma já agora indestrutível, como se verificou no recente Congresso de Coimbra, em que em todos os militantes produziram as mais rasgadas afirmações revolucionárias e de onde saiu a actual Confederação. Procurámos explicar a sua estrutura, a razão de ser das federações de indústria, que tam combatações haviam sido no Congresso a que estivamos assistindo e bem assim os motivos que levaram o proletariado português a não aderir à terceira Internacional, não por que esta não lhe seja em absoluto simpática, mas porque, tendo no seu seio vários partidos, a organização portuguesa, sem pôr de parte as relações internacionais, só aderirá a uma futura internacional, no seio da qual se haja organizações sindicais, com critério revolucionário fundamentalmente emancipador.

Em resposta fala o camarada Evelio Boal, que declara sinceramente prose-

guir a organização operária portuguesa os mesmos fins da organização espanhola, a despeito da diferença de critério quanto à organização. Retribui as saudações e afirma que desde aquele momento fica constituída a unidade ibérica do proletariado, base da futura Confederação do Proletariado Latino.

Encerramento do Congresso

Seguem-se ainda algumas saudações, e entre elas uma proposta de rectificação relativa à fusão. O documento a tal respeito aprovado dizia que se os organismos ora aderentes à U. O. T. não ingressassem dentro de três meses, no seio da Confederação, seriam declarados amarelos. E a proposta de rectificação tinha por fim a substituição daquelas palavras pelas de que seriam declarados a margem.

O Congresso é em seguida encerrado, com a adesão, já agora, de mais de um milhão de aderentes. Vários delegados principiam a cantar o hino dos trabalhadores:

Hijas del pueblo
Te oprimen cadenas...

Mas surgem várias vozes a clamar: «O momento não vai para cânticos, vai para obras!» «Acção! Acção!»

E tudo abandona o elegante teatro, o pensamento concentrado, como na véspera de resoluções decisivas...

M. J. de SOUSA.

Os trabalhadores de teatro

e a lei do descanso semanal

Satisfazendo reiteradas reclamações e protestos da Associação dos Trabalhadores de Teatro, telegrafou o sr. S. Cardoso ao governador civil do Porto, ordenando-lhe que na capital do norte não fossem permitidas as matutinas, em obediência à lei do descanso semanal. Nenhum caso ligou aquele funcionário às instruções do presidente do ministério o que motivou o envio de novo telegrama que o mesmo acolhimento teve. Sintomático é o caso, atestando bem a importância que autoridades burguesas dão à execução daquelas leis que em algo favorecem as classes trabalhadoras de teatro que, ainda sujeitos a legalismos burocráticos, já há muito teriam conquistado o respeito ao descanso semanal, se se dispusessem a desenvolver uma acção mais enérgica.

Fábrica de Cerveja Portuguesa Limitada

AVENIDA ALMIRANTE REIS

*** G ***

Cervejas em garrafas e barris
— Água, Pilsener, Munich e Preta —
Refrigerantes
Limonada gazosa fabricada com água filtrada e esterilizada pelos raios ultra-violetas. Soda-water e soda-water Schaeppes.

Expedições para Lisboa e províncias.—Exportação para as nossas colónias e ilhas adjacentes

ALFAIATARIA INGLESA

DE MANUEL L. BRÁS

Fazendas nacionais e estrangeiras
—Confeções para homens e senhoras—Preços módicos, perfeição e rapidez.

29, RUA DE S.ª MARTA, 31 LISBOA

Tendes relógios parados?

ide à RUA DE SANTA MARTA, 32 e 32-A e vereis como se encontram os preços tão baratos que ninguém pode competir.

Compra-se ouro, prata e platina para derreter.

Artur Mendes Cruz

O BRIC-À-BRAC

DE ALCANTARA

José Nicolau Veríssimo

RUA DE ALCANTARA, 37

SUCURSAL—RUA DO LIVRAMENTO, 111 e 113
Compra, vende e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de artigos de mobiliário completos de quarto, casa de jantar, escritório e sala. 50% de desconto aos assinantes da Batalha.

Mais uma bicha



Disputam-se à pancada as pechinchas da nossa casa. O nosso sortido impõe-se. Venham ver! Venham ver! Botas para homem 6750, 8750, 8750. Botas para mulher 11000, 12000, 13500. Sapatos de pele para senhora 7500, 9000, 10400, 11000. Sapatos em pele verniz para senhora, salto à Luiz XV, a 11500, 12500, 13500.

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa dos Empregados do "Diário de Notícias".

SAPATARIA S. ROQUE

16—Largo de S. Roque—17

CONTRA O FRIO

Calçado de abafado: a preços resumidos
Tamancaria: preços especiais para rapidez

NOS

GRANDES ARMAZENS DE CALÇADO

PARA

homens, senhoras e crianças

DE

Luís José Nunes & C.ª

Calçado de luxo — Perfeição — Solidez e preços módicos

Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 31 a 39

TELEFONE 1:721—CENTRAL

LISBOA

PEÇES FINAS

Grande sortido

Confeccionadas e por confeccionar

Preços sem competência

Caa Transmontana

Rua do Mundo, 19 e 21

Aos Marceneiros

CHEGOU nova remessa de folha

Nogueira Mogno Pau Santo Sicó-mór Olho de Perdiz Carvalho

Madeiras serradas em todas as grossuras, por ter máquina de folha. Sempre em depósito madeiras serradas de todas as qualidades. Estância de madeiras — Largo dos Inglesinhos — Sabino da Silva.

Banco de Portugal

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
CAPITAL 13.500.000\$

Sede em Lisboa: Rua do Comércio, 148

(Vulgo Capelistas)

Caixa Filial no Porto

Agências em todas as capitais dos distritos administrativos do continente e ilhas dos Açores e Madeira, na Capivilla e em Setúbal. Correspondentes nas principais terras do país. Correspondentes nas Praças principais da Europa e do Brasil. Operações: descontos, transferências, empréstimos e créditos em conta corrente, com garantias determinadas pelos seus estatutos. Compra e venda de cambiais, cartas de crédito sobre praças estrangeiras, depósitos de dinheiro e de valores e todas as transações que pela natureza especial da instituição lhe são permitidas.

Companhia de Papel de Gois

Ponte de Sotam-Gois

FABRICA toda a qualidade de papeis de embrulho, sacos, cartuchinhos, manteigueiro, costaneiras, almagos, coquiles, escrita, impressão, assentados, capas e carta, bem como papeis de fabricação especial

Lisos e pautados

Agente e depositário geral

A. B. dos REIS

52, Cais do Sodré, Lisboa—Telefone C. 4.317
10, Rua da Nova Alfandega, Porto—Tel. 2.192

Depósito de Materiais para Construção

Areia do Alentejo e Rio Sêco, cal em pó e em pedra, manilhas de barro, tijolos de todas as qualidades, barro refractário, tubos de grés, pedra de alvenaria, basalto e vidraça para calçadas

TELEFONE n.º 828 Central

Casimiro José Sabido & C.ª, Irmão, L.ª

Fabrico de cal, produtos cerâmicos e ladrilhos mosaicos

Cimento Portland, pozolana dos Açores, ladrilhos de mosaico, azulejos, cantarias de Paço de Arcos, Povo Pinheiro, jazigos, estátuas, xadrezes e mármore para móveis

150, Rua de S. Bento, 172

LISBOA

Sociedade Indústrias e Adubos L.ª

Rua Augusta, 193, 1.º—LISBOA

Telegramas—INDUBOS

Telefones—Sede, Central 589

Armazens—Poço do Bispo, 10

ADUBOS COMPOSTOS E ELEMENTARES DE TODAS AS QUALIDADES E PARA TODAS AS CULTURAS. SULFATO DE COBRE, ENXOFRE E PRODUTOS IN-
***** SECTICIDAS *****

Armazens em Lisboa, Pampilhosa e Faro

Ramiro Leão & C.ª

Objectos para brindes

Artigos de fabricação japonesa

MARFINS
ANTIMONIOS
CLOISONNÉS
LACAS
PORCELANA

Serviços para chá e café
Espelhos de cristal
Cigarreiras
Bengalas
Maravilhosos sortidos

Objectos artísticos, de utilidade e económicos, genuínos japoneses, o melhor e mais delicado—do brinde para a época—

SAPATARIA OPERÁRIA

Aconselhamos todos os nossos leitores a comprarem o seu calçado nesta casa, que se recomenda para solidez e economia. Tem sempre grande sortido de calçado para homem, senhora e criança

A preços que ninguém pode competir

38, RUA DE S. PAULO, 40
(Próximo ao Arco Grande)

BORGES & IRMÃO

BANQUEIROS

PORTO—Rua do Bomjardim

LISBOA—Largo de S. Julião

RIO DE JANEIRO—Rua da Alfandega

Endereço telegráfico—BORGIRMAO

Compram e vendem cambiais, descontam letras sob o país e estrangeiro, compram e vendem papeis de crédito nacionais e estrangeiros, coupons e notas de bancos estrangeiros, moedas de todos os países e quaisquer outros títulos de crédito.

Ordens telegráficas para compra e venda de papeis de crédito e outros quais quer operações de Bolsa nas principais praças do estrangeiro.

Sacam e fornecem cartas de crédito sobre o país e sobre as principais cidades e vilas da Alemanha, Bélgica, Espanha, Holanda, Inglaterra, Itália, Noruega, Rússia, Suécia, Suíça, Turquia, e principais países da América.

Recebem dinheiro à ordem e a prazo.

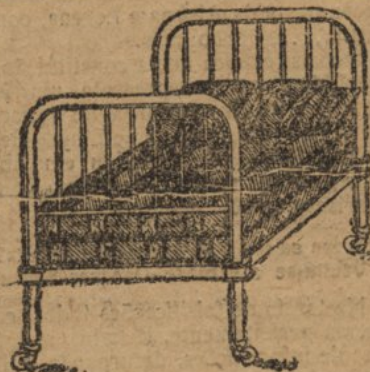
Ordens telegráficas para abertura de créditos.

SECÇÃO MARÍTIMA

Endereço telegráfico: STEAMSHIP

Largo de S. Julião, 7-1.º

Agentes e consignatários de navios



Sempre melhor e mais barato

Móveis, Colchões, lavatórios

K.º 300 réis Pálha de milho para colchões, 1.ª qualidade

K.º 900 réis sumatana (imitação) muito fina para almofada

Calçada da Mouraria, 14 (Prédio todo)

L. ROSA NEVES

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Capital Escudos 9.000.000\$00

Serviços regulares entre a metrópole e as colónias africanas

MOÇAMBIQUE
AFRICA
MOÇAMBIQUE
BEIRA
PORTUGAL
DONGO
MALANGE
LOANDA
ZAIRE
PENINSULAR
IBO e EXTREMADURA
CHINDE
LUBAO
MANICA
BOLAMA
AMBIZ

PARA CARGA E PASSAGEIROS:
Em LISBOA: Escritório da Companhia—Rua do Comércio, 85
No PORTO: Sucursal da Companhia
Rua da Nova Alfandega, 76, 1.º

CASA AFRICANA

Lisboa-Pôrto

Continúa recebendo as maiores e mais sensacionais novidades para a estação de inverno.

Esta casa, que sempre manteve preços razoáveis, pede a todo o público que não compre sem primeiro confrontar os seus preços.

Ateliers de modista e alfaiataria dirigidos por hábeis mestres.

Não comprem sem verem primeiro os nossos preços.

Está reaberta ao público

SALCHICHARIA MERCANTIL

Enferrada escola de carnes das melhores procedências—Carne de porco fresca, salgada, defumada e de outras qualidades

Vaca, vitela e carneiro

Venda por grosso e miúdo

A transformação por que acaba de passar este estabelecimento torna-o, entre os seus concógenos, um dos melhores em higiene e beleza

O público no seu próprio interesse deve preferi-lo

Alfredo Paulo de Carvalho & Canha

73—Rua das Galinheiras—74

(Lugar da Praça, frente dos Irmãos Unidos)

NICOLAU GOMES CORREA

Alfaiate-Mercador



casacos de senhora já confeccionados, tudo pelos figurinos da moda.

255—Rua dos Panqueiros—255

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Contêm de pessoas se toem curado. Trata-se de todas as doenças por meio de ervas. Pacote, 600 réis. Travessa da Oliveira, 21 ex do chão, direito, à Estrela.

CASA DA BORRACHA

Sortimento variado de artigos de especialidade. Sacos de borracha para água quente.

Pneus "Dunlop"

815x105 880x120 820x120

920x120 e 935x135

Câmaras das mesmas medidas

263—R. da Prata—265

J. V. BAPTISTA

Purgações

Curam-se com a injeção "Estrela"

DEPÓSITO:

Rua Marechal Saldanha, 13

Morais & Rodrigues